

O HERALDO

Director, proprietario e editor
JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 3

Redacção, administração, composição e impressão
 "JORNAL DE ANNUNCIOS" TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

SUPLEMENTO AO NUMERO 1538

A GREVE EM EVORA — SUA REPERCUSSAO NA CAPITAL — CONFLICTOS — É PROCLAMADA A GREVE GERAL — AS PROVIDENCIAS DO GOVERNO — OS JORNAES NAO SE PUBLICAM — O MOVIMENTO TOMA PROPORÇOES INQUIETADORAS — SUPRESSAO DE GARANTIAS — É PROCLAMADO EM LISBOA O ESTADO DE SITIO — A CAPITAL É ENTREGUE AO PODER MILITAR — PRESUME-SE QUE ESTA MEDIDA METEU NA ORDEM OS ELEMENTOS ALHEIOS E AGITADORES

A Greve em Evora—O que que queriam os grevistas —As deligenciaes empregadas no sentido de a resolver —Os conflitos com a força publica.

Escusamos tomar o assunto desde o seu inicio visto que o publico se acha mais ou menos informado pelas noticias que se publicaram nos ultimos jornaes. Na ultima quarta feira por motivo de terem sido feridos alguns grevistas, estes amotinaram-se saindo do seu habitual socego. Interveio a guarda republicana que foi desfeiteada com pedradas e tiros em arremetidas violentas.

Fizeram-se os signaes da ordenança e depois a força disparou ferindo alguns grevistas e matando um. Dos militares encontravam-se feridos um sargento e varios soldados.

Depois começaram as prisões em numero de vinte cinco n'esse dia.

Nos dias seguintes continuaram as prisões sendo enviados para Lisboa muitos individuos, conhecidos arruaceiros e sempre envolvidos em todos os movimentos operarios.

O movimento em Evora declinou quasi immediatamente parecendo que a greve terminara e a cidade se achava em socego.

A greve fora declarada por motivo de os proprietarios não acederem ás exigencias dos trabalhadores rurais.

Ao passo, porem, que o movimento gorava em Evora repercutia-se em Lisboa começando a planear-se as greves das diferentes classes dirigidas pelos Syndicatos e Associações.

Foi em consequencia dos tumultos de Evora que a Sede das associações de classe em Lisboa começou por embandeirar á meia haste, pondo placards negros com os disticos *Abaixo a Burguezia?*

Abaixo as violencias da auctoridade perante o povo trabalhador?

Reuniram logo os delegados das outras Associações de classe e operarias.

Depois foi feita a justificação do movimento grevista alegando-se que era devido:

a terem os lavradores falta do á tabella combinada, e as prepotencias das autoridades

des locais (Evora) violando a liberdade dos trabalhadores.

Prevenia-se ao mesmo tempo que devia começar a greve em outras localidades.

As primeiras classes de Lisboa que adheriram foram a dos fragateiros e o pessoal da exploração do porio.

Pouco a pouco o movimento estendeu-se ás seguintes localidades: Extremoz, Beja, Moita do Ribatejo, Aldeia do Matto, Valle Pereiro, Egreinha, Evora Monte, Torre de Coelheiros, Vimieiro, Montemor Novo Arrayolos, Redondo, Viana do Alentejo, Portel, Reguengos, S. Marcos, Vendas Novas, Corucho, Canha.

O numero de trabalhadores em greve foi de cincoenta mil.

O movimento termina no Alentejo mas agitam-se extraordinariamente as classes operarias de Lisboa—A greve estende a quasi todos os ramos de actividade—Comercio fechado; jornaes não se publicam.

Logo que em Lisboa a questão tomou um grave aspecto, as autoridades tomaram varias providencias fazendo encerrar algumas associações de classe e realisando varias prisões. Por este motivo recrudesciu a agitação. Na União das Associações de Classe resolveu-se proclamar a Greve Geral sendo distribuidos violentos manifestos e enviados para o Porto e Provincia.

Nestes manifestos reclamava-se:

1.º—A reabertura imediata das Associações.

2.º—A libertação de todos os operarios presos por delicto da greve.

3.º—A demissão do sr. governador civil de Evora.

Ao mesmo tempo indicava-se aos operarios que não se aglomerassem e evitassem ser victimados pela tropa.

Adheriram logo á greve os Manufactores de Calçado, Serralheiros, Companhia das Aguas, destri-

buidores de jornaes, estofadores, decoradores e manufatores de tecidos.

Depois anuiram todas as classes maritimas e os empregados da companhia dos carris de ferro. Parece que n'estes momentos já se tramava qualquer resistencia seria no caso de a força publica intervir ou algumas das associações se recusarem ao movimento porque se começou a falar no emprego das bombas.

Efectivamente n'esse mesmo dia deu-se ja um desastre de explosão na rua de Santo Antonio da Gloria.

Haviam cahido tres bombas de dinamite quando estavam a ser carregadas. Havia alem d'essas mais duas bombas intactas que a policia apreendeu.

Como o Presidente da Republica e uma parte do governo deviam visitar a cidade do Porto foi telegraphado ao governador civil desta cidade communicando-lhe que os successos da capital não permitiam a ida.

Em Lisboa continuaram a adherir mais classes—Os carros electricos são atacados á bomba—Refregas com as forças—Os jornaes—No movimento entraram elementos agitadores alheios aos interesses dos operarios.

Alem do pessoal dos electricos, declarou-se igualmente em greve o dos trens e automoveis.

A companhia dos electricos tentou pôr em circulação os carros, com outro pessoal, mas os grevistas oppuzeram-se. Em Santos, quando passava um electrico, sem passageiros, os grevistas lançaram uma bomba de dynamite que destruiu o carro e decepou as mãos do guarda freio. Chegaram a sahir das estações quatro carros electricos mas escoltados com força de cavallaria e com infantaria deniro.

O movimento na cidade era enorme apesar de chover bastante. O Concelho de ministros reuniu até pela madrugada.

As forças começaram a tomar posição occupando os diferentes edificios publicos que eram ameaçados. O pessoal typografico de

de todas as impressas e jornaes sahiu das officinas não se publicando jornal algum.

Tendo os grevistas pretendido a adhesão do pessal da Imprensa Nacional este foi logo occupada pela tropa.

Por essa occasião o governo forceceu aos jornaes a seguinte nota officiosa sobre o conflito a qual já não poude ser publicada:

«O delegado do governo, sr. Innocencio Camacho, deputado por Evora, expoz ao governo a situação actual do districto, com a historia dos acontecimentos dos ultimos dias.

O pretexto para o movimento foi, de facto, a falta, por parte de certos lavradores, aos compromissos, que entre si tinham tomado sobre preços de alguns trabalhos de campo. O movimento que d'ahi resultou foi immediatamente explorado por elementos reaccionarios, alguns anarquistas e pelos adversarios pessoais do sr. governador civil. Os elementos anarquistas apoderaram-se das associações e n'ellas incitavam ao assassinato, ao saque e á destruição das propriedades, o que obrigou a autoridade a encerral-as, no estricto cumprimento da lei.

Nos campos, varios bandos de gente, armados com espingarias, percorriam as propriedades, obrigando os trabalhadores a seguir-os á força. Esses bandos apurou-se que eram constituídos por creados de reconhecidos reaccionarios, de mistura com anarquistas. Incitavam os trabalhadores a marchar sobre Evora, dizendo lhes que Paiva Conceiro lhes faria pagar 600 réis por dia.

Preparou-se, de facto, a marcha sobre Evora o o assalto á cidade, que se devia effectuar no dia em que se deram os conflictos com a força armada. O governador civil tomou, de accordo com as autoridades militares, as providencias necessarias, evitando a entrada dos bandos na cidade, localizando, portanto, o conflicto á praça, em que tem a sua sede as associações. Varios dos predios d'essa praça estavam occupados por gente armada, que atirou sobre a guarda republicana, a qual só usou das armas de fogo depois de haver feridos de balas nas suas filas. Os desordeiros foram empurrados para fóra da cidade pela cavallaria, restabelecendo-se immediatamente o socego. Os agitadores tinham persuadido as gentes dos campos que poderiam saquear a cidade, porque o exercito estava com elles.

D'isto foi prova evidente a manobra das mulheres do campo que em chusma se dirigiram aos quartéis, logo que se deu o conflicto, a convidar os soldados a cumprir a sua palavra.

E' absolutamente falso que os bandos de grevistas se tenham refugiado nos campos, detendendo-se a tiro das forças. A verdade é que os trabalhadores, logo que reconheceram que tinham sido enganados, se revoltaram contra os dirigentes e contra aquelles que na sua propria expressão—os tinham prendido para a greve.

Tanto a cidade como os campos em torno estão actualmente em completo socego. Os trabalhadores voltaram para as suas occupações, os lavradores que se tinham esquivado aos seus compromissos voltaram a cumprir-os tudo indicando que as manobras dos agitadores fracassaram.

Nos primeiros dias d'esta semana deverão ser reabertas as associações, voltando tudo á normalidade. Dos presos foram soltos aquelles acerca dos quaes se não reconheceu responsabilidades de provocação no movimento, sendo os restantes entregues ao poder judicial».

No Porto o operariado promove um grande comicio mas o movimento é ordeiro e não ha agitação.

Na alameda das Fontainhas, no Porto, promoveu-se um comicio em que falaram os operarios Serié, Souza e Lucena.

Na praça da Liberdade tambem falaram operarios a quem a guarda civil em vão tentou cortar a palavra.

Foi resolvido pedir ao Ministro do Interior que mandasse reabrir as Associações de classe e soltasse os presos.

D'aquella cidade adheriu ao movimento da União Geral do Trabalho o syndicato dos operarios funileiros.

O que se passou com as officinas dos jornaes de Lisboa.

Logo que se resolveu a greve geral foi incumbida uma comissão

de typographos de ir ás redacções de todos os jornaes notificar a greve.

O *Seculo* ia entrar na machina mas o seu proprietario Silva Graça deu ordem para se não imprimir.

Na *Republica* o dr. Antonio José de Almeida tinha prevenido que se sustasse o trabalho á notificação da greve.

Na *Luta* tambem cessou o trabalho quando os grevistas ali foram.

O *Mundo* e *Diario de Noticias* já tinham parte da tiragem feita e ainda disribuiram muitos exemplares pelo paiz.

O pessoal dos electricos e a greve.

Depois de terem feito recolher os automoveis e trens que estacionavam nas praças os grevistas intimaram a paralisação dos electricos.

O primeiro carro que tentou sair, levava atrelado um carro do povo.

Foi-lhe atirada uma bomba na rua de S. Joaquim. Ficou sem mãos o guarda freio Albertino Miranda. e ferido o conductor José da Silva.

Novos carros se dispuzeram a sair mas o pessoal grevista em grande numero conseguiu faze-los internar de novo nas estações.

Uma commissão de guarda freios e conductores foi então ter com a direcção da Companhia participando-lhe o que havia respondendo aquella que ficavam demittidos os empregados que tinham adherido á greve e que fossem hasteadas nas estações e nas officinas as bandeiras de Portugal e Inglaterra.

Os grevistas que lançaram as bombas conseguiram evadir mas supõe-se que ficaram feridos por terein deixado no caminho manchas

de sangue.

O periodo agudo do movimento—As medidas do governo.

Toda a cidade ficou guarnecida pelas tropas. A policia recolheu ás esquadras e a guarda republicana patrulhava as ruas. Infantaria e cavallaria protegia os grandes estabelecimentos fabris como Empresa Industrial e União Fabril, Estações, Fabricas de Moagens e Metalurgia etc.

As bagagens dos passageiros em transito eram protegidos por cavallaria da guarda.

Os estabelecimentos fabris do Estado tambem não trabalharam.

Os empregados ferro-viarios não adheriram á greve e a circulação dos comboios nunca se interrompeu mas as linhas teem sido vigiadas.

As repartições e edificios publicos foram guardadas pela tropa.

1016 operarios da fabrica de louça adheriram.

Os vendedores de jornaes rasgavam os esemplares que as redacções mandavam vender.

A pagina da *Capital* que se compuzera fora empastelada.

Desde as 20 horas o comercio fechou.

Na noite de 29 houve relativo socego.

Esperavam-se com anciedade as medidas tomadas em conselho de Ministros que estava reunido.

Na manhã de 30 os mercados foram abastecidos evitando a força que os grevistas se opuzessem á entrada dos carros.

Diz-se que os empregados do gaz offereceram a sua adhesão mas não foi aceite pelo sindicato com recio de que na escuridão os malfiteiros começassem a pilhagem.

Diz-se egualmente mas não sem confirmação official que o ministro

do fomento responde aos grevistas:

Disponham das suas forças que o governo disporá das suas.

O pessoal de telefones adheriu á greve e a direcção mandou hastear bandeira ingleza.

Os estabelecimentos estrangeiros tambem arvoraram as suas bandeiras:

Os conflictos nas ruas não tomaram grande incremento.

O conselho de ministros voltou a reunir varias vezes dizendo-se que o governo está disposto a solucionar a greve com energia e que está na intenção de mandar expulsar do paiz elementos desordeiros.

Afim de reforçar a guarnição de Lisboa foram enviadas forças de Aveiro e Santarem.

Providencias inergicas — E' proclamado o estado de sitio — Lisboa entregue ao poder militar.

Para terminar com o movimento anarchico que ameaçava prolongar-se em Lisboa, o governo resolveu levar á assignatura do Presidente da Republica o decreto que suspendeu as garantias no districto de Lisboa e que a seguir publicamos na integra:

SUPLEMENTO

AO

DIARIO DO GOVERNO N.º 25

Presidencia da Republica

Usando da faculdade que me confere o n.º 6 do artigo 47 da Constituição da Republica Portuguesa, nos termos do n.º 16 e seus paragraphos do art. 26 da mesma Constituição, hei por bem, sob

proposta dos Ministros de todos os Ministerios, decretar que:

Art. 1.º—E' declarado o estado de sitio, com suspensão total de garantias, no districto de Lisboa, até ulterior deliberação do Congresso da Republica ficando o mesmo districto entregue á defeza, protecção e guarda do Comando Geral da 1.ª Divisão Militar, que usará, para manter a ordem publica, de todos os meios coercivos indispensaveis.

Os ministros das diferentes repartições assim o tinham entendido e façam esecutar.

Paços do Governo da Republica em 30 de Janeiro de 1912.

Manuel de Arriaga. Augusto de Vasconcellos. Alberto Carlos da Silveira. Antonio Caetano Macieira Junior. Sidonio Paes. Celestino de Almeida. Estevam de Vasconcellos. Joaquim Cerveira Alburquerque e Castro.

E' evidente que o governo se viu obrigado a tomar semelhante medida de força devido aos desmandos de muitos desordeiros que sempre conseguem tomar campo n'estas manifestações.

Ao mesmo tempo parece que em todo o paiz se recebeu com agrado a resolução energica do governo o que demonstra ter o pais comprehendido que as manifestações da capital têm a greve como pretexto mas são apenas os symtomas de uma extraordinaria audacia por partes de agitadores. Desconfia-se tambem que entraram em actividade varios elementos affectos as hostes conspirantes.

O facto é que a suspensão de garantias operou salutarmente fazendo que a agitação em Lisboa decrescesse rapidamente como pa-

rece deprehender-se das ultimas noticias.

Effectivamente sob a jurisdicção militar os provocadores que attentassem contra a Ordem seriam julgados militarmente e em processo summario.

Derradeiras noticias—Censura telegraphica—Prisões—A autoridade militar restabelece a Ordem—Pacificação—Os ultimos comentarios.

As ultimas noticias dão como completamente suffocado o movimento em Lisboa. Desde que foi proclamado o estado de sitio não houve mais conflicts nas ruas limitando-se os grevistas a uma resistencia passiva que sem duvida até, abandonarão em face das medidas tomadas.

O governo prohibiu que pelo telegrapho passassem noticias alarmantes acerca dos acontecimentos e providenciou de forma a estabelecer a Ordem.

O congresso nacional resolverá sobre o levantamento do estado de sitio de harmonia com o decreto publicado.

Para esta cidade, ao que nos consta, chegaram comunicações officiaes assegurando que a tranquillidade estaria em pouco tempo restabelecida.

Corre que a autoridade militar se apoderou de alguns vultos em evidencia no antigo regimen e que se suspeita de terem ingerencia nos disturbios.

A hora a que terminamos o nosso suplemento sabe-se que o commandante da 1.ª divisão tomou as medidas necessarias para assegurar a tranquillidade em Lisboa, devendo estar restabelecido o socego.